

Veze e voz às crianças!



## EDITORIAL

### CRIANÇA NÃO É UM OBJETO, É VIDA HUMANA!

Por *Adriana Pastorello Buim Arena*

É hora de pegar a pá e tirar os excessos de lama que a enchente da domesticação do pensamento trouxe para as portas das salas de aula de alfabetização!

Vivemos o risco de tudo se parecer com tudo e esse embaçamento da visão pode nos afundar em uma massa homogênea, e, com ela, ratificar o positivismo nas ciências humanas. Altamente viscosa, densa e tóxica, essa massa é capaz de destruir nossos melhores princípios. Se nela afundarmos, nossas consciências morrerão sufocadas sem poder aspirar o ar puro e fresco da sensibilidade, sentir o tenro sabor nutritivo da justiça, das trocas cooperadas entre os homens que mutuamente se humanizam.

**“Um plano nacional de alfabetização não pode ser construído tendo como base pesquisas realizadas a partir do ideário do paradigma positivista.”**

Os resultados de pesquisas calcadas nesse paradigma não são aceitáveis para sustentar uma proposta de alfabetização para crianças que vivem o desabrochar de sua formação humana, de suas

trocas encharcadas de cultura, impossíveis de serem isoladas e recortadas da luta diária da classe trabalhadora, de suas necessidades, de seus anseios. O visgo do princípio da consciência fonológica é tão pegajoso que muitos profissionais que por ele passaram no período de sua própria alfabetização não conseguiram dele se livrar, ainda grudado em suas práticas.

Para esses casos, é preciso que companheiros de profissão deem as mãos uns para os outros, para juntos, num esforço coletivo saírem desse mar de lama tóxica, que mata a alma da criança leitora e criadora de textos, e que lega, como produto final, um autômato pronto para ler instruções e preencher planilhas.

Denso como a atmosfera tempestuosa é o grito dos defensores da alfabetização por migalhas: “Viva Descartes! O pai da divisão do todo em pequenas partes! Esse, sim, ensinou um bom princípio a ser aplicado para alfabetizar crianças”.

Pobres de emancipação intelectual são os que assim o proferem! Presos estão agora pelas grades da neocolonização literaciada, porque não sabem que esse ensino deu pouco a quem tinha pouco e por isso o subnutrido resta faminto: uma criança não é um objeto, é vida humana!

É necessário todo o esforço de leitura, de discussão com os Outros, de duvidar da palavra única e de caminhar contra a corrente hegemônica, para, na escola, refundar o trabalho cooperativo: eis a nossa pá, o Boletim.

## DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

### A ALFABETIZAÇÃO DO FAZ DE CONTA...

Por Adriana Pastorello Buim Arena

Caros colegas professoras e professores. Hoje nossa conversa parte do princípio de que nenhuma escolha didático-metodológica para a promoção de uma política nacional de alfabetização é isenta de intenções políticas. Portanto, o programa *Tempo de aprender*, do atual governo federal, também traz nele as condições objetivas para desenvolver no povo brasileiro habilidades básicas para a sua integração precária no mercado de trabalho da sociedade neoliberal com tons escravagistas. Essa é a atual meta do Estado brasileiro. Ninguém é contrário às medidas para alfabetizar o povo brasileiro. Mas, alfabetizar mesmo, humanizar. Jamais precarizar a alfabetização hoje e o trabalho amanhã. Numa certa ocasião, uma estudante de pedagogia me perguntou: “*Professora, como faço para desenvolver minha criticidade, para enxergar além daquilo que me dizem?*” Ela acrescentou: “*Eu tento, mas não consigo!*”. Não tive resposta a dar naquele momento. A aula terminou, fui para casa a refletir sobre a excelente questão posta pela jovem estudante. A resposta foi dada na aula seguinte: “*Se toda a turba humana está indo em uma mesma direção, duvide que seja o melhor caminho! A massa é facilmente contagiada por palavras retumbantes, mas ocas. Chegue um pouco mais tarde, experimente outros caminhos desde as pequenas vielas desconhecidas por muitos até as grandes avenidas cruzadas por multidões!*”

Eu sei! Nossa vida profissional tem poucos respiros para as reuniões de estudo, para as trocas coletivas, para andar pelas vielas, ou grandes avenidas. Ainda assim, essa é nossa única arma de resistência e o único caminho para a criticidade. Não é possível ler o documento sobre a

Política Nacional de Alfabetização e aceitarmos a proposta. “*Ah, agora é para fazermos assim.*”

Os professores não podem fazer parte de uma manada mansa, conduzida por políticos alinhados aos objetivos da elite econômica e seus apelos televisivos. Não poderia haver lugar para um programa de alfabetização que condicionará os filhos de trabalhadores a permanecerem onde sempre estiveram, na miséria do pão-e-água.

As sociedades todas estão como estão, e são como são, desenvolvidas ou não, pobres ou ricas, porque as políticas econômicas, as de educação inclusas, as criaram. Indico, nesta seção, a leitura do livro *A escola de Jules Ferry: um mito que perdura*, de Jean Foucambert para entendermos como o projeto de escola de Jules Ferry ajudou a domesticar a classe operária que se insurgia contra a burguesia.

O movimento revolucionário conhecido como a *Comuna de Paris* (1871), de resistência popular que ameaçava os donos do capital, acreditava na educação como um fator de progresso e de justiça. Eles lutavam para ter escolas para seus filhos, que naquele momento apenas os da burguesia frequentavam. Segundo Foucambert (2010), em 1860, 87% dos operários parisienses sabiam ler e escrever. Não havia escolas para eles, uns ensinavam aos que não tiveram o mesmo direito. Conquistaram a consciência de classe, lutaram por seus direitos, mas não liam qualquer coisa. A formação leitora estava à serviço de um projeto de transformação das condições de vida. Neste contexto histórico francês, o projeto de Ferry foi muito bem planejado: “*Como domesticar essa classe operária de que a indústria necessita? Como fazê-la ser agente do desenvolvimento econômico e fazer com que*

*perca o sentido de revolta? Como impedir o povo de se marginalizar em sua opressão? Como passar de uma consciência de classe ao sentimento de pertencer a uma comunidade de prestígio?” (FOUCAMBERT, 2010, p. 62).*

E, então, fez-se a escola para todos os filhos dos trabalhadores! Ela nasceu desse projeto do capitalismo industrial e apoiada nas ideias de laicidade, igualdade e democracia. Todos nós professores da educação básica já lemos a história do lobo com pele de cordeiro para as crianças, não é mesmo!? É claro que para os filhos de trabalhadores os textos eram curtinhos, sem relação com a vida e somente entravam em cena depois de um longo trabalho de fonetização.

Não estaria aqui no Brasil acontecendo o mesmo? O estado não estaria vestindo a pele de cordeiro e oferecendo uma alfabetização de migalhas!? Vejam, *“o problema fundamental não é o acesso ao conhecimento, mas o acesso à produção do conhecimento; e essa exigência não é adiável. Se ela estiver ausente dos primeiros aprendizados, os saberes adquiridos não dão acesso a nenhum poder coletivo. Se ela estiver ausente nos primeiros aprendizados, os indivíduos selecionados para produzir novos saberes o farão segundo o modelo no qual foram formados, conformados ou deformados pela recepção (e não a construção) dos conhecimentos anteriores, e sua produção só reforçará o sistema inicial que os escolheu”.* (FOUCAMBERT, 2010, p. 65).

A alfabetização idealizada pelo programa *Tempo de Aprender* é uma alfabetização do faz de conta. Faz de conta que a criança é tratada como futura cidadã inserida na comunidade dos adultos, mas ela não é sujeito de suas próprias produções; faz de conta que ela produz conhecimento apenas com a codificação e com a decodificação de palavras; faz de conta que a criança lê ao pronunciar palavras em voz alta sem compreensão. É preciso ensinar atos de leitura e a escrever enunciados vinculados à vida. Largar

mão do faz de conta oficializado, da alfabetização para inglês ver.

## **“A Alfabetização Humanizadora é radicalmente oposta à pedagogia da domesticação do pensamento.”**

Mas as políticas de produção exigem qualificação dos trabalhadores!! Aos filhos da classe trabalhadora exigem apenas a precariedade do domínio da linguagem escrita para que a economia neoliberal possa avançar!! Como conceder conhecimento, sem compartilhar a riqueza? Basta se fazer como fez a escola de Jules Ferry no século XIX: fingir que compartilha um bem que, no entanto, continua a pertencer a uma única classe: a elite econômica.

No Brasil, a estratégia foi e é simples: oferecem-se intercâmbios entre grafemas e fonemas, mas não a linguagem escrita da vida, do contexto do uso, das relações humanas. Por ela, extirpa-se toda forma de pensamento complexo. Consequentemente, será exitosa a produção de homens dóceis para o trabalho, capazes de ler instruções e preencher planilhas, mas incapazes de pensar e de produzir conhecimento. E assim, o pensamento estará domesticado!

A seção *Eu faço assim* mostrará uma possibilidade de ensino do ato de ler, longe da pronúncia desconexa de sons!

---

FOUCAMBERT, Jean. *A escola de Jules Ferry: um mito que perdura*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

## A DESCOBERTA DO TEXTO ESCRITO

Por Joice Ribeiro Machado da Silva

A proposta metodológica da “*Descoberta de Texto*” (BAJARD, 2012) traz boas contribuições para um processo de alfabetização que considere o desenvolvimento da consciência gráfica. Nos últimos anos tenho me debruçado a entender e a aprimorar minha prática como professora alfabetizadora, partindo das experiências dessa metodologia. Os resultados têm me mostrado como é entusiasmante ver as crianças se alfabetizarem sem a necessidade de recorrer a qualquer recurso fônico. Lidando com a palavra dentro do texto, com os sentidos aflorados, e com todos os caracteres que compõem a escrita, a criança se apropria do ato de ler e do ato de escrever em diversos gêneros textuais abordados em sala de aula.

Em 2020, a pandemia causada pela COVID-19 nos afastou da escola e de toda mediação necessária para a descoberta de texto. O que fazer para promover o processo de alfabetização em uma turma de 2º ano do ensino fundamental com crianças ainda não alfabetizadas? Como propor essa metodologia nas aulas virtuais? Esse foi um desafio que precisei enfrentar. Após o período de adaptação à plataforma para a realização das aulas *on-line*, fiz algumas tentativas para realizar a descoberta de texto em modo virtual.

A metodologia prevê sete passos descritos por Bajard (2012) em seu livro *A descoberta da língua escrita*: 1º. a escolha do texto: ele deve ser instigante, desconhecido, que não tenha sido lido ou escutado antes e que seja um texto de produção social. Essa escolha criteriosa é fundamental para acionar a atividade de compreensão gráfica do texto. Nesse caso, a escolha apresentada estava em consonância com o gênero eleito a ser ensinado às crianças, a saber, fábula; 2º. a exposição do texto: ele pode estar escrito na lousa, em uma cartolina, na tela do computador, em papel sulfite ou qualquer outro suporte. Como as aulas eram *on-line*, o texto foi projetado por uma plataforma para ser lido pelas crianças; 3º. o encontro com

o texto: momento em que a criança deverá fazer seu primeiro contato visual e silencioso; 4º. a pergunta inicial: durante toda a atividade o professor provocará os alunos com perguntas sobre o texto, mas a primeira pergunta é o pontapé inicial para a compreensão: do que trata esse texto? As crianças começarão a levantar pistas com a ajuda de todos, porque cada uma poderá ler palavras, expressões diferentes e, assim, coletivamente elas construirão os sentidos. É nesse momento que podemos observar as atitudes do leitor diante do texto. As crianças decodificadoras preocupam-se em verbalizar partes dos textos e fogem do questionamento feito inicialmente (de que trata o texto?). As crianças ainda não alfabetizadas não se preocupam tanto em ler linha a linha, mas em buscar palavras que já conseguem ler sozinhas, fazendo relações entre o que já sabem e o que desejam compreender. Elas percebem, em pouco tempo, que o encontro entre suas perguntas e as palavras revelam os sentidos do texto. 5º. a exploração do texto: a partir das perguntas da professora, as crianças justificam suas respostas dentro do texto com marcações de palavras ou expressões, sublinham, traçam flechas, pintam da mesma cor as palavras que formam uma cadeia anafórica. O professor pode, ao lado do texto, registrar pistas, sinônimos, oferecer uma palavra-chave de presente, quando todos estão emperrados na compreensão por causa dela. Mas ele nunca deve responder diretamente uma questão, como por exemplo: “*Professora, o que está escrito aqui?*” Ele deve responder de maneira a fazer a criança pensar: “*Tem um pedacinho da palavra que você já consegue entender. Qual é?*” *Alguém consegue ajudar o fulano a entender essa palavra?* Convocá-las a olhar para tudo o que há no texto é imprescindível para a apropriação da linguagem escrita e para o desenvolvimento da *consciência gráfica*.

Essa forma de conduzir a descoberta de texto é difícil no começo, porque nós, professores,



## MURAL

### DIÁLOGO COM OS LEITORES

Ouso dizer que os idealizadores do boletim alcançaram o seu intento de dialogar com o leitor mais que mente a mente, tête-à-tête mesmo, por meio de reflexões teóricas encadeadas com brilhante didatismo até as experiências no tráfego das humanidades de professores e alunos, traçando um caminho enunciativo de aquareladas-riquezas. Uma proposta difusora da alfabetização responsiva à vida, vasta, de verdade. **João Pedro Valadares** - Tobias Barreto – SE.

A questão proposta pelo professor Dagoberto [Boletim 2] é uma lanterna que aponta para um dos grandes dilemas da educação: o que é prioritário aprender? Ora, se a criança faz parte do mundo, então nada mais justo que seja dado a ela as experiências que a farão, de fato, participar do mundo. A leitura do mundo não se dá através de fonemas e frases desconexas, mas ocorre através da vivência, de situações e contextos. Então, o que é prioritário aprender? Resposta: o mundo e suas milhares de possibilidades. Parabenizo o autor pela iluminação deste dilema. Um processo de ensino humanizado é, sem dúvidas, um farol para que mais educadores encontrem mais caminhos e, talvez, mais iluminação em sua formação. **Juliana Chierigato Pedro**, - estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia- MG.

### COMPARTILHANDO IDEIAS

#### Organizando a hora da novidade

A hora da novidade na roda de conversa consiste em abrir o encontro com as crianças numa roda em que, junto com o educador, planejam o dia, relembram o dia anterior e contam ou mostram novidades: é uma maneira de promover a participação das crianças.

Ela pode apresentar, às vezes, situações inesperadas. Se não houver um planejamento prévio, é complicado coordenar a roda, porque todas as crianças querem contar algo, mesmo que seja para repetir a fala de um colega. Isso dificulta a organização dos tempos da aula e compromete a atividade que tem como objetivo possibilitar a escolha e o planejamento da criança a respeito da novidade que leva para a escola, o exercício da memória e o vínculo com a turma na vida fora da escola (“Isso, eu vou contar para os meus amigos da escola”). A vivência da roda de conversa é também um exercício importante para a criança ser protagonista, expressar-se, respeitar a fala dos amigos, esperar a vez para falar. Daí a necessidade de planejamento para evitar o risco de ela ser descartada pelo/pela educador/educadora.

Uma forma de organizar esse momento é ter na sala um painel - Eu quero contar, eu quero mostrar - com os dias da semana e espaço para as crianças se inscreverem. À medida que vão chegando na sala, anotam nesse painel o seu nome, copiando do crachá ou escrevendo de memória. Por essa prática, a turma faz um exercício de ler e escrever, usando a escrita de modo autêntico: na hora da roda, todos leem os nomes inscritos. Todos



podem comentar as novidades, mas quem trará novidades serão apenas os inscritos. Crianças não inscritas são convidadas a se inscrever para participarem no dia seguinte. (Colaboração de Suely Amaral Mello – Docente do PPGE

da Unesp – Campus de Marília)

### LITERATURA NA RODA

**O homem que amava Caixas.** Escrito e ilustrado por Stephen Michael King e traduzido por Gilda de Aquino. Brinque-Book Editora, 1997.



“Este livro, delicadamente, explora a complexidade das emoções envolvidas quando se ama alguém, e mostra que, às vezes, o amor pode ser demonstrado através de atos e não de palavras. As ilustrações, de um colorido vivo, complementam o texto sensível e delicado.” [Quarta capa]

### FIQUE POR DENTRO

Sugerimos a leitura do artigo A ARQUITETÔNICA EM “UM DIA, UM RIO”, escrito por Andreia dos Santos Oliveira, Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto, Daniele Aparecida Russo. **Revista Educação: teoria & prática**, v. 31 n. 64 (2021). Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/issue/current>.

#### Nas palavras das Autoras:

“Um dia, um rio’ é uma obra infantil escrita por Leo Cunha e ilustrada por André Neves. [...] A narrativa em primeira pessoa conta a história do Rio Doce antes e durante o rompimento da barragem de Mariana, ocorrido em 2015, e tem o desfecho com projeções sobre o futuro do rio. Lançada em 2016 pela editora Pulo do Gato, essa obra tem como característica o fato de que “[...] rejeita qualquer pretensão didática tradicional” (CADEMARTORI, 2010, p. 30) ao trazer um texto cuja pretensão não é moralizar, como é o caso de alguns livros destinados às crianças, mas inovar ao personificar a figura do rio, dando-lhe voz para ele próprio narrar suas venturas e desventuras. Ao fazer isso, os autores elaboraram uma obra aberta e polissêmica, de tal modo a proporcionar o diálogo do leitor com o texto para a construção dos sentidos” (p. 18).